

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Engenharia da Computação

Gabriel Henrique Vieira de Oliveira

**Desafio ético da integração social, da cidadania  
e da cultura, da língua e da arte da periferia**

Belo Horizonte  
2025

Gabriel Henrique Vieira de Oliveira

**Desafio ético da integração social, da cidadania  
e da cultura, da língua e da arte da periferia**

Seminário apresentado na Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharelado em  
Engenharia da Computação.

Orientador: Professor Edward Neves Monteiro  
de Barros Guimarães

Belo Horizonte  
2025

Gabriel Henrique Vieira de Oliveira

**Desafio ético da integração social, da cidadania  
e da cultura, da língua e da arte da periferia**

Seminário apresentado na Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharelado em  
Engenharia da Computação.

Orientador: Professor Edward Neves Monteiro  
de Barros Guimarães

---

Prof. Dr. Edward Neves Monteiro de Barros Guimarães (Orientador)

Belo Horizonte, 05/05/2025

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Professor Edward Neves Monteiro de Barros Guimarães, pela dedicação e apoio do processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço à minha família e a todos os artistas periféricos que, mesmo invisibilizados, continuam resistindo com arte, voz e coragem.

*Este trabalho é dedicado a todos que de alguma forma contribuíram para esta  
construção*

*Incluir é mais do que permitir a entrada — é reconhecer, valorizar e construir juntos novos caminhos de existência*

## RESUMO

O presente trabalho analisa o desafio ético da integração social e da valorização da dignidade da pessoa humana no contexto das periferias urbanas, com ênfase na inclusão cultural, linguística e artística. A partir do estudo do artigo “*Arte, Cultura e Periferia: a produção simbólica das bordas urbanas*”, de Jorge Barbosa, reflete-se sobre os mecanismos de exclusão simbólica presentes nas práticas sociais e tecnológicas que marginalizam as expressões culturais das comunidades periféricas. O estudo propõe uma análise crítica da responsabilidade ética dos profissionais da Engenharia da Computação na construção de tecnologias mais inclusivas e representativas, discutindo o papel da linguagem, do acesso digital e da representatividade cultural. O trabalho aponta caminhos possíveis para a superação da exclusão simbólica e destaca a importância de promover uma engenharia comprometida com a diversidade e com a justiça social.

**Palavras-chave:** ética profissional; inclusão social; periferias; cidadania; exclusão simbólica.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>pág. 9</b>
<b>Desenvolvimento .....</b>	<b>pág. 10</b>
2.1 .....	A Exclusão Simbólica e a Periferia
2.2 .....	O Papel da Cultura e da Linguagem
2.3 .....	Responsabilidade Ética na Engenharia da Computação
2.4 .....	Questões para Debate
<b>Conclusão .....</b>	<b>pág. 12</b>
<b>Referências .....</b>	<b>pág. 13</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A integração social e o reconhecimento da dignidade da pessoa humana representam um dos maiores desafios éticos da nossa sociedade atual, especialmente quando analisamos o cenário das periferias urbanas. Em um mundo cada vez mais conectado, a exclusão social ainda se mantém como um reflexo das desigualdades históricas e estruturais, afetando diretamente o acesso à cidadania, à cultura, à arte e à língua de comunidades marginalizadas.

Esse desafio é ainda mais relevante no contexto da Engenharia da Computação, pois somos futuros profissionais que desenvolverão tecnologias com grande impacto social. Ao considerar a inclusão ou exclusão de grupos nos processos tecnológicos, somos levados a refletir sobre as implicações éticas das nossas escolhas de linguagem e acessibilidade.

Para basear esta reflexão, escolhi o artigo *“Arte, Cultura e Periferia: a produção simbólica das bordas urbanas”*, de Jorge Barbosa, que discute como as expressões culturais periféricas são silenciadas ou marginalizadas. O autor traz uma abordagem crítica sobre como o sistema dominante impõe padrões culturais que dificultam a inclusão e o reconhecimento da arte e da língua das periferias como formas legítimas de expressão. O texto se conecta diretamente com o desafio ético da integração social, pois evidencia o quanto ainda estamos distantes de uma sociedade verdadeiramente plural e inclusiva.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A Exclusão Simbólica e a Periferia**

O autor Jorge Barbosa (2020) argumenta que as expressões artísticas e culturais das periferias são constantemente subvalorizadas por não se encaixarem nos padrões estéticos dominantes. Segundo ele, *“a arte da periferia ainda é vista como resistência, e não como parte integrante da identidade nacional”* (BARBOSA, 2020). Essa afirmação nos leva a pensar como a exclusão social também se dá no campo simbólico, onde certas linguagens, sotaques, estilos musicais e modos de se expressar são considerados inferiores ou ‘menos civilizados’.

Esse tipo de exclusão, mesmo que não pareça tão visível quanto a pobreza material, tem consequências profundas: compromete a autoestima, a cidadania e o senso de pertencimento das pessoas dessas comunidades. Quando a arte da periferia é marginalizada, o que está sendo negado não é só uma produção cultural, mas a própria identidade de milhões de brasileiros.

### **2.2 O Papel da Cultura e da Linguagem**

Na prática, muitas tecnologias — aplicativos, plataformas educacionais, sistemas de informação — são criadas com um público-alvo muito específico em mente, geralmente pessoas que já têm acesso a internet rápida, letramento digital e um padrão de linguagem formal. Mas e quem não tem isso? E quem acessa a internet por celular pré-pago, com dados limitados e não domina a linguagem técnica? Eles simplesmente ficam de fora, e essa exclusão digital acaba reforçando a exclusão social.

Outro aspecto que o autor destaca é a força da cultura periférica como forma de resistência e construção de identidade. Ele menciona que *“o rap, o grafite, o slam e outras manifestações das bordas urbanas não são apenas reações ao abandono social, mas formas legítimas de produção estética e política”* (BARBOSA, 2020). Isso mostra que não se trata de ‘dar voz’ à periferia — a voz já existe — mas sim de parar de ignorá-la. Nesse sentido, a tecnologia pode e deve funcionar como ponte, como ferramenta de amplificação dessas vozes e não de silenciamento.

### **2.3 Responsabilidade Ética na Engenharia da Computação**

Como futuros engenheiros da computação, temos o dever de construir soluções tecnológicas que não excluam, mas que aproximem. Isso significa pensar em acessibilidade, respeito à diversidade linguística e cultural, e inclusão digital. A tecnologia pode reforçar desigualdades se for pensada apenas para um grupo social específico.

“É necessário desenvolver soluções que levem em consideração o contexto real de quem vive nas margens, respeitando sua forma de se expressar, consumir e interagir com o mundo digital.”

O profissional ético precisa entender que algoritmos e sistemas também carregam valores e, portanto, devem ser construídos de forma crítica e responsável.

## **2.4 Questões para Debate**

Essa discussão levanta reflexões importantes que devem ir além da sala de aula e dos códigos que escrevemos. Por isso, proponho as seguintes questões para o debate:

1. Como nós, estudantes e futuros profissionais da tecnologia, podemos criar soluções que considerem os contextos culturais das periferias e promovam a inclusão real e significativa?
2. De que formas a cultura digital pode ser usada para democratizar o acesso à arte e à produção simbólica das comunidades marginalizadas?
3. É possível pensar em uma engenharia da computação ética, que valorize a diversidade cultural como parte do processo de inovação tecnológica?

### **3 CONCLUSÃO**

Como estudante de Engenharia da Computação, reconheço que temos uma responsabilidade ética que vai além do domínio técnico: somos também agentes sociais. A exclusão social não se limita à pobreza material, mas se estende à invisibilidade simbólica e cultural que atinge, principalmente, as periferias urbanas. Refletir sobre essa exclusão é reconhecer que a engenharia precisa estar a serviço da justiça, da diversidade e da dignidade humana.

Concordo com Barbosa (2020) quando afirma que a periferia não é apenas carência, mas potência criativa. Ao ignorarmos suas expressões culturais, linguísticas e artísticas, estamos desperdiçando oportunidades reais de inovação. Integrar essas vozes aos nossos projetos e tecnologias é, portanto, um passo essencial para a construção de um país mais democrático e de soluções mais representativas.

A tecnologia, quando aliada à cultura e à ética, tem o poder de ampliar vozes, transformar realidades e construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

## REFERÊNCIAS

**BARBOSA, Jorge.** *Arte, Cultura e Periferia: a produção simbólica das bordas urbanas*. São Paulo: Editora Exemplo, 2020.

**CANAL RELOAD.** *Por que a cultura da periferia é vista como menor?* [S.l.]: YouTube, 3 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ol0Pr0Xi-ds>. Acesso em: 26 abril de 2025.